

UNIVERSIDADE GAMA FILHO
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA
DO ENSINO SUPERIOR

CRÍTICA A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

João Afonso Dias de Oliveira Junior

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Sousa

Porto Alegre-Rio Grande do Sul

2012

CRÍTICA A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

João Afonso Dias de Oliveira Junior
Clóvis Sousa
Universidade Gama Filho

Resumo

O que um aluno tem de saber para ser preenchido pela luz do conhecimento? A escola deve formar para o convívio social, para o mercado de trabalho ou deve se ocupar da formação intelectual? De uma educação primitiva única e igualitária, nos encaminhamos para uma educação excludente, desigual e economicamente hierarquizada, transmitida por um sistema educacional, que com suas pressões e exigências, desumaniza a todos, agrupando-nos como homogêneos, com conteúdos homogêneos buscando os mesmos resultados. Diante destas questões se apresentam visões pedagógicas modernas, arejadas e livres de desigualdades nos traduzindo perspectivas inovadoras sobre a educação.

Palavras - Chave: Educação Moderna; História da Educação; Escola Nova

Abstract

What a student needs to know to be filled with the light of knowledge? Schools must educate for social life, for the labor market or to engage in intellectual training? From a single primitive and egalitarian education, we headed to an education exclusionary, unequal and hierarchical economically, transmitted by an educational system which, through its pressures and demands, dehumanizes everyone, grouping them as homogeneous, with homogeneous content seeking the same results. Faced with these questions are presented pedagogical visions modern, airy and free from inequalities translating us contemporary perspectives about the education.

Keywords: Modern Education; History of Education; New School

Introdução

“Crianças nascem curiosas, estão sempre explorando. Passamos o primeiro ano de suas vidas ensinando-lhes a andar e falar, e o resto de suas vidas ordenando-lhes que se calem e sentem.” (THE REALITY OF ME, 2011) Pela inevitável associação pessoal que fazemos destas palavras, as mesmas nos trazem uma instantânea reflexão. Na educação, atualmente, se questiona o uso das tecnologias, as formas de lidar com os novos comportamentos, as posturas compatíveis com o mundo da informação rápida e abundante, a comunicação instantânea, o que o professor tem a ensinar que não se pode aprender na internet, a função da escola como mera transmissora de informações, a postura diante de um período global histórico de mudanças políticas e econômicas, o estímulo ao senso-crítico dos estudantes e diversos outros pontos. Desde o século XVIII, com o advento, popularização e exportação da educação pública, gratuita e obrigatória da Prússia para o mundo ocidental, observamos um muro global que sustenta a educação positivista, alicerces de um novo mundo, industrial, preocupado com a produção e os resultados desenvolvidos através de trabalhadores dóceis e obedientes, e mantém afastada a educação que prepara para o desenvolvimento intelectual da personalidade e cidadania de forma liberta, dentro do princípio do desenvolvimento individual do ser humano. No mundo contemporâneo encontramos uma pluralidade de locais de ensino, entre técnicos, profissionalizantes, agrícolas, públicos, privados, de classe média, classe pobre, classe rica etc, mas em contraponto, a forma de ensinar está longe de ser plural, pois o modelo prussiano, chamado de Escola Moderna, se mantém como padrão, carregado com suas problemáticas, assim exposto em A educação proibida (2012) e de onde podemos retirar o trecho abaixo:

A realidade é que a essência da escola prussiana está imersa na estrutura própria da nossa escola. Os exames padronizados, a divisão de idades, as aulas obrigatórias, os currículos desvinculados da realidade, o sistema de qualificações, as pressões sobre os professores e crianças, o sistema de prêmios e castigos, os horários estritos, o claustro e a separação da comunidade, a estrutura vertical. Tudo isso continua sendo parte das escolas do século XXI. A escola está fechada ao mundo exterior. (24 min)

Esta forma de se pensar educação vem sendo contestada nas últimas décadas, com uma força crescente, por diversos teóricos e educadores, defensores da humanização da educação, que apresentam um terreno onde o educando

trilharia sua própria educação, construindo seu próprio caminho, não atrelado a um já previamente planejado, tecnicista e alienante, contexto que Paulo Freire, um educador brasileiro preocupado com o desenvolvimento da pedagogia crítica e da educação popular, aborda no trecho a seguir:

É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas, e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com o gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadeza neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia.” (1996, p. 6)

Em nosso ambiente familiar, o Brasil, a educação europeia importada no período colonial, traduzindo o modelo repressivo europeu, contrastou com a forma livre dos indígenas nativos educarem. Ainda neste período, os jesuítas estabeleceram o seu método pedagógico, catequético, promovendo alfabetização e ensino técnico. O país experimentou um longo hiato temporal sem mudanças na prática educativa, que privilegiava a minoria que tinha poder. Com a industrialização, na metade do século XX, passou a direcionar energias na formação técnica, a fim de alimentar as demandas do novo cenário econômico que se criava, e na educação de base, para reduzir o número de analfabetos, em resposta à necessidade das indústrias, carentes de profissionais que soubessem no mínimo ler e escrever.

A marca do ensino no último século é a instituição de ensino como fábrica de pessoas para o mercado, e escola como fábrica por que também é uma escola que produz com muita rapidez uma linha de montagem desse conhecimento que ela quer administrar. Que conhecimento produz um ser humano isolado por horas diárias entre quatro paredes, numa escola dogmática, fragmentada e passiva? Qual o papel de uma escola isolada da “vida real” da sociedade e produtora de passividade e acúmulo de pensamento? É possível educar se mantendo um caráter hierárquico na relação de conhecimento entre professor e aluno? Como o aluno pode ser ensinado a pensar? Que tipo de interação se constrói com o planeta e o universo se o ser humano, como resultado do seu pensamento fragmentado, se afasta do mais importante, a vida? Através de uma pesquisa exploratória, com levantamento bibliográfico e audiovisual, as ideias se costurarão neste artigo, não para responder definitivamente, mas, para manter acesas as questões que

sustentam o movimento constante de evolução da educação nos seus diferentes níveis.

O longo caminho de construção da educação

A educação na antiguidade se distanciava muito do que hoje entendemos por educação. Na Atenas Clássica, por exemplo, não havia escolas num primeiro momento, as primeiras academias de Platão eram espaços de reflexão, conversação e experimentação livre. A instrução obrigatória era coisa dos escravos. Por outro lado, a educação em Esparta era mais parecida a uma instrução militar. O Estado se desfazia daqueles que não alcançavam níveis esperados. Havia classes obrigatórias, fortes castigos e modelagem da conduta através da dor e do sofrimento. A educação foi, ao longo dos anos, valorizada e debatida na Grécia Clássica que até hoje é considerada por muitos o berço da pedagogia. Em Atenas tivemos, talvez, a primeira reflexão pedagógica que influenciaria por séculos a educação e a cultura do mundo ocidental. Os povos do Oriente acreditavam na origem divina da educação, resumindo seu conhecimento a seus próprios costumes e crenças, é isso impedia uma reflexão mais profunda sobre a educação, fruto da sua organização social e teocrática, se opondo a razão grega que define uma concepção de educação voltada à inteligência crítica e à liberdade de pensamento.

A educação formal propriamente dita teve início na Grécia Antiga, e após ser voltada para a aristocracia passou então a ser difundida a todas as crianças gregas popularizando a escrita e o conhecimento para todos. Na sociedade escravagista grega existia o “ócio digno”, que significava dispor o tempo livre para as funções de governar, pensar e guerrear, e a este hábito se remete a raiz da palavra escola, de origem grega, e que segundo Aranha (2006), significava o lugar do ócio. O descobrimento do valor do ser humano desprendido de suas bases religiosas, o reconhecimento da razão, da inteligência crítica libertada dos dogmas, a organização política, a criação da cidadania, a criação da liberdade individual e política dentro da lei e do estado; a invenção da poesia, literatura dramática, filosofia e ciências físicas. Contrapondo os ideais sofistas, foi criado o conceito de educação chamado Paidéia, que buscou formar o homem por inteiro, e sobre esse conceito se sustentou o pensamento da educação epistemológica, focando na origem, estrutura, metodologia e validade do conhecimento, e não mais como práxis. Na Paidéia

estava presente a ideia da educação do homem como um ser autêntico e único, constituindo um ideal de cultura baseado na ideia de que a comunidade e o indivíduo são responsáveis um pelo outro, de forma simbiótica e integrada. O reconhecimento do valor da educação na sociedade, a educação pública e humana em sua integridade física, intelectual, ética e estética são legados gregos importantes no desenvolvimento histórico dos preceitos da educação.

Recentemente, no século XVIII, durante o chamado Despotismo Esclarecido, se criou o conceito de educação pública, gratuita e obrigatória. O modelo de escola que conhecemos hoje nasceu no final do século XVIII na Prússia, dotada de alguns princípios do Iluminismo para manter o regime absolutista, evitar as revoluções que ocorriam na França e satisfazer o povo. A escola prussiana apresentava uma divisão de classes e castas, como herança do modelo espartano, fomentando o regime autoritário. Os déspotas esclarecidos queriam ter sob seu domínio um povo obediente e que pudesse se preparar para as guerras entre todas as nações que estavam nascendo. Os bons resultados gerados pelo modelo educativo se espalharam, e, ao longo dos anos, educadores da Europa e das Américas visitavam a Prússia para se capacitar.

O modelo se expandiu chegando a diferentes pontos do mundo. Muitos países o importaram defendendo o acesso à educação para todos, movendo uma falsa bandeira da igualdade, que escondia a sua essência déspota, mantenedora de modelos elitistas e fragmentadores. Esta é a origem da educação pública, sucesso em nações como a França de Napoleão, a Rússia de Catarina, a Grande e no mundo.

O iluminismo representou o núcleo da formação burguesa, que até hoje mantém predominantemente a transmissão linear de conteúdos e a formação social individualista; via a necessidade de oferecer apenas a instrução como formação em resposta à necessidade do trabalho. O tempo passou sem que houvesse muitas evoluções na educação, até que a escola nova propusesse uma educação que visasse à mudança social e que se transformasse, porque a sociedade estava mudando.

Piaget, intelectual da Escola Nova, propôs um ensino pautado na experimentação, na aprendizagem pela manipulação do concreto. Segundo ele, o

professor deve respeitar o desenvolvimento da criança em suas etapas. Suas teorias epistemológicas influenciaram outros pesquisadores, e receberam críticas do educador Paulo Freire, que denuncia a visão conservadora da Escola Nova e observa que a escola podia servir tanto para educar a prática da dominação quanto educar para a libertação, expunha bem o seu pensamento, como no trecho abaixo:

O aluno gradativamente vai se apropriando do mundo em que vive, e se estabelece como agente produtor do conhecimento pelo simples exercício de ser livre para experimentar e compreender as coisas ao redor. Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além dos conhecimentos dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética ou contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora, nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (1996, p. 98)

Diversos pensadores críticos reafirmaram a teoria da reprodução social e cultural, procurando introduzir diferentes e novos elementos para superar o “reprodutivismo” como a contradição, resistência e oposição onde antes se via apenas passividade, reprodução e imposição.

A educação passa por uma forte crise na década de 80, com a constatação de um rápido enfraquecimento do modelo teórico-crítico, por sua desconexão com a prática. As teorias são inúmeras, porém insuficientes para cobrir a lacuna dos graves problemas educacionais na América Latina, estimulando os professores mais arejados e abertos a valorizar novas linhas pedagógicas, as vivências em sala de aula, projetos de pequeno porte e outros elementos importantes e até então esquecidos na educação, trazendo luz em meio à crise educacional.

O papel da educação no séc. XXI

Era inevitável que uma estrutura de ensino tão frágil, linear e fragmentada geraria reações negativas e uma crise em algum momento. Uma estrutura que difere muito pouco de país para país, em função da cultura e o orçamento, mas que basicamente é padronizada. Esse padrão do sistema educativo manteve os educandos expostos a valores artificiais, a fantasias e coisas relacionadas à imaginação. Ensinamos às crianças que a vaca faz “mu” e a ovelha faz “mé”, mas

não apresentamos os animais para elas, e privamo-las de aprender biologia, geologia, engenharia, matemática. As crianças são plenas e como todos os animais da natureza, absorvem fluentemente o que lhes rodeia, mas apesar disso, nos mantemos enchendo suas cabeças com frívolos. Ensinamos fantasia para elas e esperamos que elas pensem mais tarde. Elas têm uma capacidade imensa para compreender coisas complexas sobre a natureza, sobre o processo simbiótico, sobre o sistema econômico e educacional em que estão inseridas, porém ainda assistem desenhos fantasiosos na televisão, completamente diversos da realidade.

Não é estranho mantermos este *modus operandi*, visto que os educadores passaram pelo mesmo sistema educacional, sendo obrigados a vestir uniformes idênticos sem uma explicação sólida. Dentro do programa escolar rígido, eles eram obrigados a seguir a linha determinada pelo Estado ou pela escola tradicional privada, pois do contrário seriam expulsos, não fariam mais parte do sistema, resultando numa escassez de opções de trabalho e impossibilitando-os de tomarem posse do dinheiro. Estes mesmos educadores, quando educandos, despertavam às seis horas da manhã para ir à aula, não respeitando seu relógio biológico, mas sim o relógio do sistema educacional, o que levava constantemente o seu cérebro e seu sistema fisiológico à fadiga. Como reter o conhecimento nestas condições? Num regime militar, competitivo e excludente diário de seis horas, cinco vezes por semana, durante quatorze anos, sem incluir o nível superior o que se via era a existência de uma escala de valores, onde tínhamos o inteligente e o estúpido, o articulado e o tímido, mas todos estavam na mesma sala, como pares recebendo uma educação empacotada e alimentando entre outras coisas a inveja e competitividade.

A filósofa Viviane Mosé apresenta uma visão interessante a respeito no programa Desafios da Educação (2010):

A necessidade de se construir a escola dessa maneira, diz respeito especificamente a outra necessidade, de um desejo desta sociedade, que era produzir passividade, disciplina, ausência de questionamento e crítica, repetição e não-criação de conteúdo. Onde, ou em que lugar do Brasil, os arquitetos estão repensando a estrutura arquitetônica da escola? As salas de nossas escolas são pequenas e isoladas, escolas com corredores imensos, os pátios são completamente vigiados, então as crianças vêm para o pátio e são submetidas à convivência apertada, pois as escolas não tem espaços amplos, não tem arejamento para desenvolver os processos educativos. Então perdemos a noção de conjunto, unidade, participação e planejamento

com estas escolas que caracterizam uma prisão. Isso fez com que, além da passividade e da repetição, a nossa escola se tornasse um espaço isolado.

Ora, há setenta anos, você estudava, se formava um engenheiro e era considerada uma pessoa extremamente inteligente, hoje você se forma em uma faculdade de engenharia e com dificuldades consegue um emprego. O engenheiro de hoje é menos inteligente? O que determina a inteligência? Não existe uma pessoa inteligente, pois inteligência é um processo contínuo, não há como mensurar. Você pode determinar que uma pessoa tem um cérebro melhor que outra, levando em conta um processo neural melhor constituído e uma melhor qualidade de tecidos, e mesmo assim o cérebro não tem mecanismos para determinar o que é bom ou ruim, certo ou errado. O fulano pode saber sobre o assunto A e B e o beltrano saber sobre o assunto C, independente disso, a Escola manteve o estímulo à concorrência que inevitavelmente levou à disputa e ao resultado de um vencedor e um perdedor. Neste caso, me parece que todos saíram perdedores. Perdedores da curiosidade, da criatividade, da liberdade, da humanidade.

Dividimos o mesmo planeta em uma simbiose, entretanto as pessoas não aprendem, ao menos, cidadania na escola. Como eu vou aprender a ser humano se meu ensino se dá em uma sala fechada, longe das ruas, longe do mercado, do parque, dos animais, da água, das pessoas. A escola não prepara o ser humano para a sociedade

A escola é responsável por essa coisa fraca que nos tornamos, essa coisa débil. O que somos nós? Somos medrosos, somos angustiados, temos tanto medo de sofrer que sofremos o triplo, nós odiamos obstáculos, nós odiamos pensar. Nós gostamos do que vem pronto, do que vem mastigado, nós não sabemos nos relacionar, nós perdemos a noção do corpo, então perdemos a capacidade de toque, de visão, de audição. Nós perdemos a noção de solidariedade, de solidão que é um fundamento essencial para a vida. Perdemos a noção que nascemos e temos um processo de vida. (DESAFIOS DA EDUCAÇÃO, 2010)

E sobre a importância da escola na vida cotidiana o documentário A escola proibida apresenta um pensamento interessante:

Das coisas que aprendemos na escola, inclusive quando na escola aprendíamos muitas coisas, há muito poucas que necessitamos na vida cotidiana. É possível que a escola seja conveniente, eu não acredito que a escola seja necessária. Acredito que pode ser demais, na melhor opção muito conveniente na sociedade, mas podemos prescindir dela. Porque podemos viver sem saber logaritmos, mas não podemos viver sem saber nos relacionarmos com outras pessoas, ou sem saber caminhar, ou sem saber usar ferramentas.

Todas essas coisas as crianças aprendem brincando. As crianças, desde que nascem, têm a habilidade de se construir a si mesmas, aprendendo do que encontram à sua volta, através do brincar e explorar o mundo. As crianças absorvem cultura, as crianças vêm a absorver a cultura dos pais, e isso se vê inclusive na linguagem.

Está no contexto cultural humano, os números, as letras e as palavras, então eles o aprendem. Igual que aprendem a andar, porque há adultos que andam. Quer dizer, quando um ser humano nasce, sua biologia não o obriga a ser humano. Precisa nascer em um entorno humano. (2012, 30 min)

O mundo contemporâneo revela peculiaridades. O ser humano já não se sente seguro em lugar algum. Criamos uma sociedade de medo e terrorismo. Este processo está vinculado às questões globais e universais, e são justamente estas questões que nos são omitidas nas instituições de ensino gerando uma instabilidade no mundo, e incapacidade para resolvê-las. Com uma educação partida, fragmentada, como eu vou resolver um problema global? Como resultado, eu não lido com o problema. Criou-se uma bola de neve, visto que os educadores foram viciados dentro de uma estrutura deturpada e inapropriada de ensino, dificultando o trabalho amplo de renovação das metodologias educacionais.

No meio deste turbilhão, o século XXI nos apresenta problemas que requerem imediata discussão. As questões ambientais e a crise no sistema financeiro trouxeram a necessidade do debate acerca de um importante paradigma à humanidade: Ou construímos uma nova sociedade, ou não haverá mais sociedade. Aí percebemos a relevância deste momento incrível de reflexão e refrescamento do senso-crítico por meio da internet, o grande instrumento que democratizou o pensamento global e necessariamente gerou uma crise na educação.

O papel do professor

A educação como estamos vendo hoje é administrativa, há alunos que chegam, professores que dão aula, alunos que se vão, professores que se vão e, no dia seguinte, se repete o ciclo. Um professor estatal é um funcionário a quem a autoridade diz: 'O senhor tem que ensinar isto, isto e isto, e desta forma'. Porque tem que ser repetido a demasiadas crianças por um professor com demasiadas horas de aula e com poucas horas de atenção ao aluno em forma particular. Então vai se dirigir sempre a um grupo coletivo, porque, evidentemente, se eu tenho 30 crianças não posso pretender que todas elas queiram fazer a mesma coisa ao mesmo tempo. (A EDUCAÇÃO PROIBIDA, 2012, 21 min)

O papel do professor nas instituições educacionais tem sido predominantemente o da figura que ensina, o detentor do saber, o agente correcional em seu pedestal hierárquico, o senhor da situação diante de sua classe.

O estereótipo que perambula no imaginário dos alunos, ainda é o de um ser intangível e incontestável, e isto torna a jornada do educador mais desafiadora e a contextualiza como parte da crise educacional que presenciamos atualmente. O mesmo exerce uma função de grande complexidade e que requer um constante movimento de busca, pois como se não bastasse ter de saber lidar com os saberes, com as tecnologias e com as novas concepções pedagógicas emergidas por meio da internet, ainda se depara com a complexidade de um sistema de ensino “para todos” em uma sociedade que ainda não sabe a verdadeira função da escola.

No cenário contemporâneo se questiona a visão tradicional, que apresenta a escola como um espaço isolado e fragmentado, voltado para a disciplina caracterizada pela obediência do aluno na relação com o educador, delegando o privilégio ao adulto/professor, considerado pronto, completo, por oposição à criança imatura e não desenvolvida. Diante de uma realidade onde o aluno deve obedecer, mas o professor não tem a responsabilidade de respeitar o mesmo, como pensarmos em ver cidadania e ética serem difundidas pelo ensino? Este debate vem sendo feito por teóricos ao longo do último século, costurando a visão moderna, que conduz a um estreitamento do abismo na relação entre educador e educando, humanizando o ser humano, considerando-o completo desde o nascituro e em constante evolução, tornando-o inacabado até morrer. Então o adulto deixa de ser modelo, e a educação passa a centrar-se na criança.

Do ponto de vista pedagógico o eixo se deslocou do intelecto para as vivências; do lógico para o psicológico; dos conteúdos para os métodos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; da direção do professor para a iniciativa do aluno; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada na biologia e na psicologia. (SAVIANI, 2008, p. 168)

Por isso, muitos educadores têm expandido as vivências em sala de aula e fora dela, os pequenos projetos, as novas e importantes categorias pedagógicas como alegria, a decisão, a escola, o vínculo, a escuta, o respeito à identidade e à autonomia do aluno, o uso do bom senso nas relações. O professor tem de se esforçar para vencer os vícios que trouxe de sua própria educação, esta é uma responsabilidade que tem de ser levada a sério. O mesmo não pode se omitir diante das mudanças do mundo moderno e nem das discussões que têm sido abordadas ao redor do mundo.

O papel do educador é imensamente importante neste processo de recuperação da civilidade da humanidade. Esta consciência latente é bem colocada num trecho do documentário A educação proibida (2012):

Porque a criança entra, e entra a um meio dogmático. "Sente-se aqui", "Fique 6 ou 7 horas sentado nessa fila" Que horrível! Se estamos numa família onde essa rede de afetos é supremamente fraca, os níveis de agressão são muito altos, de violência, a criança vai ser uma criança provavelmente muito violenta. Não é seguro que vai ser violento, não estou dizendo isso, mas, sim, estamos falando que em contextos violentos, a violência se reproduz facilmente. A criança vai dar o que recebe. Então, por isso temos que conseguir relações muito mais amorosas, muito mais profundas nas aulas. Estudos indicam que, atualmente, na idade de 5 anos, 98% das crianças poderiam ser consideradas gênios. São curiosos, criativos, e têm a habilidade de pensar de formas diversas, resolver problemas, quer dizer, têm a mente aberta. O problema é que, 15 anos mais tarde, só 10% dessas crianças mantêm essas capacidades. Ou seja, de alguma forma, estou dizendo que desde além da mente, desde o mundo da consciência, todos somos gênios. E, realmente, o que o professor tem que aprender é que seus alunos possam abrir as portas de suas mentes para que saia todo esse conhecimento e essa criatividade e essa genialidade que todos temos dentro. (32 min)

É nisto que eles, os professores inovadores, buscadores e dotados de humanidade, encontram esperança em meio à crise educacional, e com pequenos gestos tornam a educação um ato singular.

Considerações Finais

A educação foi para dentro da escola e passou por um processo de escolarização. A partir deste ponto, nos aprisionamos em salas de aula e perdemos nossa percepção exterior da natureza. Hoje em dia, lemos doutrinas que saem nos livros, o problema é que muitas delas são dogmáticas e verdadeiras, então para quê vou discuti-las? Assim desvirtuamos do natural processo educativo, o processo de descoberta e não de aprendizagem das verdades.

A escola se tornou responsável por esse nosso caráter débil, preguiçoso e fragilizado. "O ser humano está passivo demais, e essa passividade é consequência de uma ausência de atitude. E o que é atitude? Atitude é você ser uma pessoa. Mas será que nós somos uma pessoa ou pedaços colados?" (DESAFIOS DA EDUCAÇÃO, 2010) O sistema educacional nos tornou imaturos sociais, pois não prepara para os desafios da vida, para o amor, para a morte, para compreender a

natureza e as galáxias, e mesmo o seu papel de preparadora para o mercado de trabalho não tem sido feito com eficiência. A escola parece estar deixando de nos preparar. A nossa escola nos desprepara. O ser humano precisa reestabelecer sua conexão simbiótica e contestar a sistemática imposta por um sistema improdutivo que insiste em nos encaixotar numa realidade competitiva nos afastando de nossa integridade, cooperatividade, amor comum, senso-crítico e, principalmente, nossa humanidade.

Propositadamente, finalizo este artigo repetindo as questões introdutórias: Que conhecimento produz um ser humano isolado por horas diárias entre quatro paredes, numa escola dogmática, fragmentada e passiva? Qual o papel de uma escola isolada da “vida real” da sociedade e produtora de passividade e acúmulo de pensamento? É possível educar se mantendo um caráter hierárquico na relação de conhecimento entre professor e aluno? Como o aluno pode ser ensinado a pensar? Que tipo de interação se constrói com o planeta e o universo se o ser humano, como resultado do seu pensamento fragmentado, se afasta do mais importante, a vida?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A EDUCAÇÃO PROIBIDA. Direção: German Doin e Verónica Guzzo.: Reevo, 2012. DVD (145 min).

ARANHA, Maria Lúcia. **História da Educação e da Pedagogia: Geral Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

EDUCAÇÃO. **Desafios da Educação**. São Paulo: TV Cultura, 21 jul. 2010. Programa de TV.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia no Brasil, A: História e teoria**. Campinas-Sp: Autores Associados, 2008. Pg 168.

THE REALITY OF ME. Documentário Independente, 2011. < <http://www.tromsite.com> >. Acesso em 21 ago. 2012.

ZEITGEIST Addendum Direção: P. Joseph.: Independente, 2008. 1 DVD (123 min).